

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Verônica Maria Corrêa Gonçalves

PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS DE LEITURA

Belo Horizonte

2010

Verônica Maria Corrêa Gonçalves

PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS DE LEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho.

Belo Horizonte

2010

Verônica Maria Corrêa Gonçalves

PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS DE LEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Gilcinei Teodoro Carvalho – Faculdade de Educação da UFMG

Clenice Griffo – Faculdade de Educação da UFMG

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento. Magda Becker Soares, (2006, p 45, 46).

RESUMO

A leitura é uma atividade complexa.

O aprendiz deverá não somente decifrar e decodificar a escrita, mas também realizar uma interpretação de “leitura de mundo”.

O conceito de leitura está geralmente restrito a decifração da escrita. Sua aprendizagem, no entanto, está ligada ao processo de formação do estudante, á sua capacitação para o convívio social, cultural, econômico e político.

A ação da família e as ações de políticas públicas veem sendo discutidas com veemência entre os meios educacionais por sua importância junto ao aprendiz, que associado a falta de estímulo e incentivo deixam escapar o fio condutor que o leva a falta de compromisso e falta de responsabilidade com a aprendizagem. A prática da leitura ainda não é um fato constante na sociedade. Muitos estudantes limitam-se a leitura como obrigação ou necessidade, não a fazem por prazer, mesmo sabendo que ler significa inteirar-se do conhecimento que a sociedade exige, e que é uma forma de conquistar autonomia. É através dessa autonomia que o aprendiz tem acesso ao mundo letrado e as variedades textuais que a sociedade exige. O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, e para formar esse leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê, seja capaz de compreender, interpretar, inferir, questionar, incluir, excluir e interagir com o texto e também com o que está escrito, identificando elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto que lê e outros textos que circulam na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem, leitura, alfabetização, aprendiz.

SUMÁRIO

1. Introdução	06
2. A importância da leitura	09
2.1. A leitura em um contexto de amplitude e abrangência.....	09
2.2. A importância da família e políticas públicas no processo ensino aprendizagem	11
3. O processo da leitura	13
3.1. O processo de mudanças na prática de ensino e aprendizagem.....	14
3.2. A leitura como fonte de conhecimento	15
4. A prática da leitura	16
4.1. O aprendiz leitor.....	16
4.2. A formação dos aprendizes cidadãos	18
4.3. As propostas de trabalho	19
4.4. Uma escola incentivadora	22
5. Considerações finais	39
6. Bibliografia	42
7. Anexos	43

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado partindo do pressuposto de que a leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Portanto, formar leitores requer condições favoráveis para que sua apropriação ocorra de forma adequada.

A forma que aprendemos a ler na infância determina os usos que lhe damos na idade adulta. Se a ênfase é dada apenas à parte mecânica, será difícil, para o aprendiz, perceber a gama de possibilidades e significados, julgando a leitura um meio para fins restritos. A leitura exerce papel fundamental não só nas séries iniciais, mas também nas demais etapas do processo escolar pela parcela de responsabilidade na sua formação de leitor. Ler é entrar em outros mundos possíveis; é indagar a realidade para compreendê-la melhor e assumir uma postura crítica frente ao que se lê.

Proponho, assim, com este artigo, aplicar algumas atividades de leitura em práticas individuais e práticas coletivas que desafiem os alunos a compreender textos, buscarem seus significados, refletir sobre o que leem, analisar palavras e frases, procurar novas formas de comunicação através de entrevistas e pesquisas, trabalhando com as ideias que os textos oferecem. Pensando nas possibilidades de leituras que podemos propiciar ao aprendiz, várias das reflexões aqui apresentadas pretendem propiciar “gosto” pela leitura nos aprendizes, atribuindo a essa prática uma dimensão que ultrapasse a tarefa de decodificação.

Tendo em vista a necessidade de desenvolver o hábito e o gosto pela leitura, é importante que a escola busque estratégias que assegurem o acesso dos aprendizes a textos, de gêneros diversificados e que circulem com diferentes funções sociais. Estas estratégias e formas de leitura e comunicação estimulam a expressão oral e escrita do aprendiz, provocando diálogos e discussões entre os alunos.

Às vezes se torna comum o aprendiz desconhecer a importância e a necessidade da leitura, que passa a ser um entrave no processo de seu desenvolvimento, uma vez que ele não vê a leitura como algo prazeroso, não se sente motivado a ler diariamente e espontaneamente, deixando para trás chances de vivenciar ricas experiências de aprendizagem. Este aprendiz ainda está cercado de atrativos mais interessantes, que são os programas de TV, os jogos na internet, enfim, um universo tecnológico mais atrativo que está à sua disposição.

Diante de tais afirmativas, percebo que, se queremos que o aprendiz seja um leitor ativo, precisamos permitir que, em sua relação com o texto, ele possa lançar mão não só de seus conhecimentos lingüísticos, mas de todo seu conhecimento sociocultural e intertextual, num movimento que é, ao mesmo tempo, de reconhecimento e descoberta. É preciso, então, que a leitura e a interpretação não se dissociem da prática social e textual do aprendiz.

O trabalho aqui apresentado pretende explicitar a importância da leitura, indicando alguns elementos que permitam compreender esse processo. Para fundamentar a análise, tomaremos algumas diretrizes defendidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Além desse mapeamento conceitual, interessa-nos, principalmente relatar e discutir um projeto específico de leitura desenvolvido em uma turma de primeiro ciclo do Ensino Fundamental em uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte.

Assegurando que dentro das práticas citadas os aprendizes se tornem leitores e conheçam a importância da leitura em suas vidas. Promovendo aos professores mediadores uma constante busca por diferentes meios, no processo da leitura e capacitação do próprio conhecimento como base de sustentação e valorização deste aprendizado, sendo fonte inesgotável de inspiração para os aprendizes na busca de embasamento e sustentação para ampliação de um universo de alfabetização e letramento.

Trabalharemos objetivos específicos: conceituais, procedimentais e atitudinais capacitando o aprendiz a conhecer, comparar e distinguir diferentes textos. Identificar, comparar, descrever e explorar músicas e histórias de seu cotidiano; Conhecer e interpretar diferentes autores; Desenvolver conceitos relativos à sua própria alfabetização. Observar imagens e sons relacionados ao texto; Observar, registrar e se auto-avaliar por meio das atividades sugeridas;

Explorar a curiosidade. Respeitar os diferentes níveis de conhecimentos dos colegas; Conscientizar a importância da leitura e de seu papel de cidadão leitor na sociedade. Valorizar e respeitar o papel do/a professor/a mediador/a auxiliador deste processo conscientizando-o de sua importância junto ao aprendiz que socializa e interage numa dinâmica constante na troca de saberes.

Para melhor esclarecer sobre estas práticas o trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte explico sobre a Importância da Leitura. Na segunda parte esclareço sobre O Processo da Leitura e na terceira parte propus a Prática da Leitura.

2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Para nos expressarmos bem, faz-se necessário que leiamos, caso contrário não seremos suficientemente capazes de escrever ou produzir sequer uma frase. Não somente a leitura da escrita, mas também a leitura da realidade, do cotidiano presente. Ler, escrever, falar e ouvir, com compreensão, a linguagem usada de acordo com as regras e necessidades socialmente estabelecidas, na diversidade de situações comunicativas, requer a articulação de uma série de capacidades básicas de natureza discursiva, textual e gramatical, que, por não ser apreendidas espontaneamente, precisam ser ensinadas.

Para isso, o professor necessitará aproveitar as oportunidades que a vida faz surgir, e que muitas vezes não recebem a devida atenção, por que seu interesse não chega a ser percebido. As oportunidades podem surgir a partir da leitura de avisos da escola, de uma matéria de jornal ou revista, ao mesmo tempo em que o aprendiz pode colocar suas idéias sobre o que foi exposto. Procurar textos pequenos e que tragam algo que lembre uma realidade de vivência faz sentido por ser um atrativo a mais. Aos poucos o aprendiz sentirá desejo de ler espontaneamente buscando novas fontes de leitura sem ser pressionado pelo professor/a.

Trabalhando dessa forma, o professor/a contará com um ambiente descontraído, onde a aprendizagem acontecerá naturalmente e evitará certos desgastes que um procedimento mais sisudo poderá proporcionar. É um modo de manter a motivação durante todo o tempo da aula, proporcionando ao aprendiz uma leitura de amplitude e abrangência.

2.1 A leitura em um contexto de amplitude e abrangência

A leitura é uma atividade complexa. O aprendiz deverá não somente decifrar e decodificar a escrita, mas também realizar uma interpretação de “leitura de mundo”.

Entende-se por leitura de mundo o modo de pensar, ou seja, a visão que a pessoa possui da realidade. Por esse motivo, é necessário trabalhar com diversos tipos de texto em sala de aula.

A partir da interpretação da leitura, o aprendiz irá fazer relações, argumentar, concluir, avaliar, podendo assim posicionar-se diante do que leu. Ler não se restringe apenas em passar os olhos sobre o texto, ou então oralizar a palavra escrita, mas, de acordo com Foucault (1994, p.5), “ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”.

Os exercícios de leitura diários, nas práticas sociais, dão ênfase aos exercícios de leitura individual, em que o aprendiz é desafiado a compreender o texto, buscar seus significados, discutir os sentidos da mensagem, analisar palavras ou expressões, fazer comparações e trabalhar com idéias que o texto oferece.

De acordo com Martins (1982, p 40), é possível visualizar três níveis de leitura: sensorial, emocional e racional. Estes três níveis são inter-relacionados mesmo que um deles, em determinado momento, seja privilegiado segundo as necessidades e interesse do leitor.

A compreensão é um processo altamente subjetivo, pois cada leitor conduz a sua capacidade, sua tarefa experiencial que determinará um jeito de leitura para cada leitor num mesmo momento e uma leitura diferente para o mesmo leitor, em momentos diferentes.

Como podemos unificar e homogeneizar aquilo que é por natureza heterogênea, idiossincrático? Não podemos, é claro. Mas ensinar a ler com compreensão não implica em impor uma leitura única, a do professor ou especialista, como leitura de um texto. Ensinar a ler é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar ao aprendiz que quanto mais ele conhecer o conteúdo maior será sua possibilidade de compreensão; é ensinar a se auto-avaliar constantemente durante todo o processo, para que saiba detectar em qual momento deixou escapar o fio; é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimentos lingüísticos, discursivos, enciclopédicos para resolverem falhas momentâneas no processo; é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que as seqüências descritas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global. Isso implica em ensinar não apenas um conjunto de estratégias, mas criar uma atitude que faz da leitura a procura da coerência e, portanto, a produção de sentidos. O mais importante é criar condições na sala de aula para que o aprendiz interaja globalmente com o texto. Pesquisas demonstram que os problemas de leitura

do aluno são superáveis mediante a criação de condições que permitam tal envolvimento, que engajem a faculdade de compreensão.

Na tentativa de buscar soluções que auxiliem professores/as e aprendizes a essa compreensão é que iremos analisar as condições de ensino/aprendizagem da leitura e escrita, no contexto de uma escola pública de Belo Horizonte, com o objetivo de despertar no aluno o interesse pela leitura, de todos os gêneros textuais, dando ênfase aos textos poéticos e utilizando a sonoridade como ação primeira. Esse destaque não significa desprezar outros tipos de leitura que a sociedade exige para o aprendiz se transformar em leitor que saiba identificar, analisar, descrever, e desenvolver a leitura com fluência e propriedade.

Para que essas soluções tenham sustentação de fato, busquei embasamento sobre a importância da família e das políticas públicas no processo de ensino e de aprendizagem.

2.2 A importância da família e das políticas públicas no processo de ensino e de aprendizagem

A ação da família vem sendo discutida com veemência entre os meios educacionais por sua importância junto ao aprendiz. Ação esta que nem sempre é exemplo de ajuda e colaboração, para que a criança participe de situações as quais propõem atos de leitura e escrita enquanto interlocutor.

Associado falta de estímulo familiar, o discente se depara com uma situação que o deixa desprovido de recursos e motivações para poder prosseguir na própria alfabetização, tornando-o descompromissado com o seu aprender.

Em função disso, a criança passa de uma série para outra com grandes problemas de aprendizagem, necessitando de ajuda constante para acompanhar seus pares na construção de seu conhecimento. Por que o que seria construído firmemente nas fases iniciais, passa a ser desfragmentado e desmascarado nas séries seguintes, prejudicando em demasia o desenvolvimento cognitivo do aprendiz.

Contemporaneamente, esses problemas de aprendizagem vem se tornando motivo de angústias, questionamentos incertezas e insegurança. Na tentativa de solucionar o problema e para suprimir estas dificuldades dando ênfase num mesmo enfoque aprendizagem, as escolas procuram desenvolver projetos voltados principalmente para a leitura e a escrita, buscando, com diferentes estratégias,

minimizar os conflitos que se estendem praticamente em todas as áreas de conhecimento.

A viabilidade e a concretude desses projetos não permite ao aprendiz conhecer e dar novos significados à sua vida educacional e pessoal, pois permitem rever e procurar refazer as lacunas que ficaram em aberto durante o processo de construção de sua aprendizagem nas séries iniciais de alfabetização.

Mas, para outros, é sobretudo, na escola que o gosto pela leitura pode ser incentivado. Inserir-se nas práticas sociais próprias à cultura escrita implica comportamentos, procedimentos e destrezas típicas de quem vive no mundo da leitura, tais como: movimentar-se numa biblioteca, freqüentar livrarias, estar atentos aos escritos que circulam em locais diversos. Implica também adquirir, quando se fizer necessário, o uso e as diversas formas de ler na sociedade. Essas atitudes e comportamentos não se restringem a um momento específico, nem podem ser consideradas capacidades relativas especificamente a uma idade ou ciclo. A leitura constitui componente de todo o processo de escolarização e são fruto de um trabalho contínuo.

A erradicação do analfabetismo tornou-se um ícone do desenvolvimento e, por isso, uma forma de melhorar a imagem do país frente aos bancos internacionais. Para isso, investem muito, esforçam-se em matricular o maior número possível de crianças e evitar a evasão, contribuem com o programa de bolsa escola, obrigando os aprendizes a terem um mínimo de 25% de faltas durante o ano. Mas essa é realmente a política correta? Essas políticas públicas de apoio e incentivo à educação são realmente de qualidade?

A educação começa a caminhar com passos lentos, falhando onde mais deveria se fazer presente, contribuindo para que os discentes não encontrem nela um pilar de sustentação para a construção de sua própria cidadania, abrindo um abismo imensurável no ensino-aprendizagem. Portanto cabe as políticas governamentais, as escolas e as famílias contribuírem de forma relevante para que ocorra maior desempenho desses discentes na escola, na tentativa de melhor ajustamento em suas relações, possibilitando que a aprendizagem se desenvolva de forma saudável num processo de leitura construtivo na edificação do saber e do conhecimento.

3 O PROCESSO DE LEITURA

A leitura é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos sensoriais, emocionais, bem como culturais, econômicos e político. Nesse processo, podem estar envolvidos a percepção de certos mecanismos que promovem uma relação entre grafemas e fonemas, numa dimensão de decodificação, mas principalmente estão envolvidos mecanismos de promoção de sentido que vão além do código e que demandam uma maior interação do leitor com o texto, ativando estratégias de diálogo com as informações processadas.

Tanto quanto a fala, a leitura não é um comportamento natural, mas um processo adquirido em longo prazo e em certas circunstâncias sociais de vida que determinam o sucesso ou o fracasso na aprendizagem.

No processo inicial da leitura, ocorre o que chamamos de decodificação, ou seja, o envolvimento da discriminação visual dos símbolos e a associação entre a palavra impressa e o som.

A visão, “o tato, audição, o olfato e o gosto para alunos de inclusão” são referenciais elementares na aquisição dos símbolos gráficos, pois essa leitura sensorial começa muito cedo em nossa vida, iniciamos a leitura do universo adulto que nos cerca quando ainda somos bebê, e a continuamos por toda vida.

Destacamos também a leitura emocional, em que contam os sentimentos, as emoções com as quais o leitor se vê envolvido, até inconscientemente. Trata-se de um processo de identificação, no qual o leitor, às vezes, tende a justificar ou negar seu envolvimento com o que leu. Nesse sentido, a criança pode ser capaz de se envolver emocionalmente com um livro tanto quanto um adulto.

É necessário resgatar em nossas escolas, principalmente nas de Ensino Fundamental, a prática de leitura por prazer, sem cobranças de entendimento dos textos através de provas cansativas e acadêmicas. Seria interessante que a escola propiciasse aos aprendizes momentos adequados para o manuseio de livros em sala de aula para desenvolverem os aspectos sensoriais, emocionais e intelectuais da leitura, de uma forma racional e dinâmica. Só se aprende a ler lendo, e não passivamente, copiando inúmeras vezes palavras ou frases, e muito menos através de cópias longas e exaustivas.

É importante que o aprendiz seja tratado de modo personalizado e valorizado como indivíduo único, porque a ele deve ser dado o direito de experimentar, criar hipóteses, pensar, comparar, estabelecer regras e aprender por meio de ensaio e erro. Ele não deve receber o conhecimento pronto porque a aprendizagem é

constantemente construída. Pensando nesse aprendiz, ser único, que está sempre buscando novos conhecimentos é que o processo de mudanças na prática de ensino e aprendizagem vem contribuir com a necessária alteração de uma abordagem escolarizada e mecânica da leitura.

3.1 O processo de mudanças na prática de ensino e aprendizagem

Desde que a humanidade tomou consciência do poder intelectual que desenvolve vem criando meios e técnicas que facilitam e que aprimoram seus conhecimentos, na busca de se conhecer e conhecer o mundo que se expande à sua volta, buscando na escrita, na codificação e decodificação, registrar sua história, adaptando-se aos vários fatores que, paulatinamente, vão se inserindo a esta história modificando-a de forma quase que irreversível.

O que antes era obscuro, descontextualizado, paradoxo, ganha novas perspectivas mediante o domínio da natureza, dos símbolos, da fala, da escrita/leitura. O homem passa a imperar a partir do domínio de todos esses signos naturais, lingüísticos, históricos, que passam a se entrelaçar à cultura, à sociedade e à vida da humanidade. Ler e escrever tornou-se algo tão importante que ele não mais se via alheio aos acontecimentos, uma vez que registrar fatos do dia a dia era, agora, imprescindível para perpetuar a sua espécie.

A partir de então, a educação, que antes era destinada para poucos, ganha novos paradigmas, ampliando-se cada vez mais, esses conhecimentos com o intuito de cada vez mais edificar os saberes, oportunizando todas as classes sociais.

O ato de ler ganha novos significados, enraizando definitivamente, através de papiros, panfletos, livros, revistas, jornais, entre outros. O mundo letrado avança e passa a representar grandes progressos para o homem, permitindo a absorção de novos conhecimentos, tomada de consciência de seus valores, direitos e deveres, permitindo a sua inserção no mundo ainda mais dinâmico e globalizado. A leitura como fonte de conhecimento veio contribuir ainda mais para esse envolvimento do aprendiz com a leitura.

3.2 A leitura como fonte de conhecimento

Na tentativa de explicar o processo da aquisição da leitura, Isabel Solé (2010 p.92) indica que

Ler e compreender é, sobretudo um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão.

O leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura. As atividades de leitura se iniciam muito cedo, a partir das primeiras impressões de mundo.

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 220) relatam que o ensino da leitura e escrita fundamentado em métodos tradicionais torna-se muito distante da realidade do educando, pois é trabalhado apenas com a decodificação e memorização de letras, e para a criança não é nada atraente passar quatro horas de seu dia decorando.

Primeiramente, ensina-se a partir de letras para formar sílabas, ficando para mais tarde a formação de palavras com o intuito apenas de fixar as letras estudadas. Esse método chamado sintético surgiu nos anos 1880, e se caracteriza pela escolha de palavras-chave para se estudar uma determinada letra ou símbolo. Muitas vezes esta palavra não faz parte do vocabulário do aprendiz, dificultando seu aprendizado. Antes de aprender a ler era preciso uma ação sobre o alfabeto. Conhecer o alfabeto.

O aluno iniciava soletrando em voz alta as letras do alfabeto. Depois ele conhecia a grafia da letra e, numa primeira síntese, apresentavam-se as sílabas em ordem. Nessa seqüência, Leite (2003, p. 205) retrata que

Essa posição requer que tomemos a leitura e a escrita numa dimensão mais ampla e consequente, que não é o da mera preocupação com o ensino de elementos não significativos da língua – sons, letras, sílabas ou palavras-, procedimentos que dificultam o acesso à significação. As atividades culturais inseparáveis da formação do pensamento.

O leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura. O treino se inicia muito cedo, a partir das primeiras impressões de mundo.

4 A PRÁTICA DE LEITURA

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, possivelmente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos

eficazes pode ter sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências como modelo, que nortearão os aprendizes na construção do processo de construção de sentidos. A leitura nos fornece a matéria prima para a escrita: (o que escrever). Por outro lado, contribui para a constituição de modelos: (como escrever).

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do conhecimento prévio sobre o assunto, sobre o autor, e o seu conhecimento sobre a língua: característica do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra ou palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desse procedimento que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas.

De acordo com essas comprovações e suposições sobre as práticas de leitura é que o aprendiz leitor terá uma visão mais ampla sobre o ato de ler.

4.1 O aprendiz leitor

Um leitor competente é aquele que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que melhor atendem a suas necessidades. Além disso, é aquele que consegue utilizar estratégias para processar as informações de forma adequada e criativa.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Para Magda Soares, (2003, p. 128):

Não basta apenas saber ler e escrever é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências da leitura e da escrita que a sociedade faz continuamente e, quem exerce isso é considerado um letrado.

Magda Soares explica, em uma entrevista para a revista Educação, nº 121, o grande desafio do ensino:

Um fator histórico que distorce a noção de leitura no país é a identificação do leitor apenas como leitor literário, letrado, na acepção geral da palavra. A identificação dos gêneros textuais de uso social, aquele que o cidadão lê cotidianamente, como jornais, revistas, letreiros, legendas de filmes etc. E sua introdução no universo escolar é essencial para dar sentidos sociais às práticas de leitura e escrita.

Por outro lado Barbosa (1994, p. 117), define a concepção de leitura mais contemporânea, onde a leitura se estabelece com um ato de atribuição de significados a um texto escrito, através da relação entre leitor e texto.

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os aprendizes, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

A leitura, na escola, tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aprendiz, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes "para quês" – resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto – e com as diferentes formas de leitura em função de diferentes objetivos e gêneros: ler buscando as informações relevantes, ou o significado implícito nas entrelinhas, ou dados para a solução de um problema.

A leitura está estritamente relacionada à escrita, mas sua aprendizagem está tradicionalmente ligada aos atributos linguísticos, culturais, sociais e a formação dos sujeitos, seja como meio de permitir ao indivíduo a aquisição do conhecimento, seja como meio de viabilizar sua atuação social. A leitura é uma fonte de conhecimentos que servem de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar. Além da satisfação pessoal, ela contribui para a construção de modelos

relacionados às formas de escrita, e tem como finalidade a formação de leitores competentes. O espaço de construção da leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo, a partir dos seus conhecimentos que constituirão na formação de aprendizes cidadãos.

4.2 A formação de aprendizes cidadãos

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os aprendizes não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade que esses aprendizes se dispõem para interagir significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes textos que circulem socialmente. Não se formam bons leitores trabalhando somente textos em sala de aula e nos livros didáticos cobrando apenas leituras de atividades para cumprir ordens de professores/as ou pais. É importante que o aprendiz utilize de estratégias para a prática da leitura. O trabalho com a diversidade dos gêneros textuais é, sem dúvida, muito importante na formação de leitores competentes.

Alguns professores recebem no início do ano, classes tidas como homogêneas, outras classificadas com defasagem ou ainda outras indicadas como turmas mais avançadas. Essas classificações, porém, não é de fato, isto porque, sabemos que não existem dois seres humanos iguais; cada um é único em seu desenvolvimento, conhecimento, atitudes, valores e interesses, e que os/as professores/as precisam detectar essas diferenças o mais rápido possível para que haja interação e disciplina entre os aprendizes.

Para manter a disciplina e atenção, os professores precisam usar estratégias, fazer combinados, trabalhar atividades diversificadas e prazerosas, que despertam no aprendiz o interesse pela leitura. Alguns aprendizes apresentam dificuldades quanto à organização do próprio material e pouca autonomia na execução das atividades propostas, necessitando que os professores/as os auxiliem na aquisição de conhecimento prévio, saberes importantes para seu desenvolvimento. Acreditando que

cada aprendiz traz consigo o processo de construção conceitual, isto é, a capacidade de estabelecer relação lógica entre os sinais codificados, letras, por exemplo, e o significado da mensagem escrita, o/a professor/a é uma importante ponte, determinando o caminho para que cada aprendiz em particular tende a passar por estágios de desenvolvimento, caracterizados por hipóteses.

Pensando na formação do leitor cidadão que, instigado pelo que lê, produz sentido, dialoga com o texto, com o intertexto e com o contexto, ativando sua “biblioteca interior”, jamais em repouso, é que buscarei desenvolver atitudes e disposições favoráveis ao desenvolvimento da leitura através das letras de músicas infantis, poesias, versos, poemas, trava-línguas, parlendas, entrevistas, cartas, convites, enfim, uma variedade de gêneros sociais que irão incentivá-los através da musicalidade, das rimas, do ritmo, das dramatizações e outros textos que circulam na sociedade letrada e que são trabalhados através de propostas elaboradas em sala de aula pelos professores/as.

4.3 As propostas de Trabalho

A Escola Municipal Florestan Fernandes, localizada na Rua Pau Ferro, nº 360, do bairro Solimões regional Norte foi construída no ano de 1996 devido ao esforço e ao trabalho de um grupo de pessoas preocupadas com a educação das crianças dessa comunidade, uma vez que no bairro não havia como as famílias conseguir escolas para os filhos ou parentes.

O orçamento participativo veio então abrir espaço e dar oportunidade às comunidades do bairro Solimões para expor e reivindicar suas necessidades.

O Bairro Solimões onde se encontra localizada a escola Municipal Florestan Fernandes tem, como característica, o baixo índice de desenvolvimento humano, alto índice de criminalidade, violência e exclusão social. Muitos jovens, pais e mães de família estão desempregados. Alguns deles tentam buscar alternativas para garantir seus sustentos e de suas famílias, envolvendo-se com drogas, crimes e prostituição.

As famílias normalmente são numerosas. Poucos demonstram interesse pelo desempenho escolar dos filhos; só comparecem à escola em reuniões, assembléias e eventos ou quando convocados por motivos sérios, mesmo assim se houver alguma forma se eximir da responsabilidade. A maioria delega à escola sua função de educar e transmitir valores básicos de conduta moral, comportamental e só comparecem

quando solicitados para resolverem algo relacionado à bolsa escola, bolsa-família ou receberem o Kit escolar, mesmo assim se houver antes, alguma palestra ou reunião, alguns ficam irritados e se queixam ter mais o que fazer do que ficar ouvindo conversa. Muitos tios e avós assumem o papel dos pais que, por motivos variados, delegam-lhes a guarda dos filhos.

Muitos alunos apresentam dificuldades de concentração, déficit de aprendizagem e vários problemas não diagnosticados que os psicólogos afirmam existir, mas a família não admite ou não aceita. A escola atende também a crianças de inclusão, dois cadeirantes, e um total entre os turnos manhã e tarde 12 alunos com problemas múltiplos, mas não diagnosticados. No ano de 2009 era oferecido ajudante para auxiliar os professores, na alimentação e na higiene desses cadeirantes, mas esse ano, não há ajuda, cabendo ao professor regente a responsabilidade em promover todo o trabalho.

O espaço físico da escola é excelente. Está localizada em ampla área verde, são três pavimentos distribuídos com dezesseis salas de aula, amplas e arejadas, biblioteca aconchegante, bem equipada, confortável, arejada, ambiente claro, agradável, decoração apropriada para receber seus leitores. Esse espaço está sempre à disposição dos aprendizes que podem usufruir dele sempre que houver necessidade.

A escola fica à disposição da comunidade nos finais de semana para os projetos da escola aberta. Vários voluntários fazem parte desse projeto que ajudam muitas famílias a melhorar a renda através de trabalhos que aprendem com oficinairos, tais como: aula de bordado, costura, crochê, pintura de tecidos, dança do ventre, dança de rua, biscuit penteados afro, corte de cabelo. O espaço serve também para atividades de lazer, jogos e brincadeiras. Este espaço físico costuma ser o único espaço de lazer dos aprendizes que, nos dias letivos normais, utilizam-no para as atividades escolares e nos finais de semana o utilizam para o lazer.

Com o conhecimento da comunidade escolar e seu espaço físico, iniciei as propostas de trabalho dando ênfase aos projetos de leitura.

A partir de avaliações diagnósticas, pude observar que a turma de 1º ciclo com a qual trabalho encontrava-se com necessidade de atenção especial para a leitura. Muitos alunos se encontravam desmotivados e não apresentavam interesse em participar das atividades orais e escritas. A partir de pesquisas para descobrir algo que os interessassem, surgiu a ideia de trabalhar explorando músicas infantis, poemas,

quadrinhas, versos, parlendas, bilhetes, enfim, variedades textuais que oferecessem um apelo maior para esses leitores.

Na busca de conseguir maior interação e despertar o interesse do grupo, propus, como incentivo, uma roda de conversa e, lançada a ideia, os aprendizes sugeriram algumas atividades. Estas crianças, se sentindo desafiadas, deram início ao diálogo para investigação e descoberta de fontes de pesquisas para as atividades propostas. Após várias sugestões e nos dias que se sucederam, professores/as e aprendizes puderam trazer um bom repertório de músicas infantis, inclusive canções de ninar que as mães cantavam para eles.

Já com algo concreto em mãos, sugeri o projeto “*Canções que admiro*”. O trabalho foi realizado em sala de aula, com duração de seis meses. As atividades propostas foram contempladas em dias específicos da semana, iniciando com apresentação do material a ser trabalhado, levantamento dos conhecimentos prévios, leitura silenciosa, leitura em voz alta pelo professor/a, leitura coletiva feita por todos, estudo do vocabulário, leitura na biblioteca, (reconhecimento das dificuldades) reconhecimento de rimas, versos, estrofes, confecção de cartazes, murais, ilustração de partes e do todo, sistematização através de produções novas, apresentações no pátio e no auditório para os colegas de outras classes, composição de novos poemas a partir de modelo, excursões, visita à Bienal do Livro de Belo Horizonte, produções textuais, encerrando com uma entrevista com a escritora Patrícia Santana, que satisfaz a curiosidade de todos os aprendizes quanto às suas obras literárias e despertando neles a vontade de estudar em uma escola incentivadora.

4.4 Uma escola incentivadora

Ao se pensar em um bom leitor é necessário procurar ajustar o modo de ler ao objetivo inicial de sua leitura. Esse processo não é natural, automático ou muito menos simples; precisa ser construído pelo aluno, com a ajuda de outros leitores já experientes. Cabe ao educador oferecer aos aprendizes os segredos que utilizam quando eles próprios leem. Isso deve ser feito da mesma forma que ocorre com outros conteúdos de ensino ou quando se mostra como utilizar adequadamente um caderno ou o traçar de forma correta as letras. O professor atua como um especialista em leitura, explicitando seu processo pessoal à turma, o que pode levar à compreensão do

que está escrito: qual seu objetivo com aquela determinada leitura, que dúvidas surgem, que elementos tomam do texto para tentar resolver suas questões. Observando o trabalho do professor ao elaborar uma interpretação, ou produções textuais, os aprendizes podem entender as suas próprias estratégias e passam a monitorá-las de forma mais efetiva. São os “modelos” aos quais necessitam para a consolidação da aprendizagem.

É importante que o espaço físico dedicado à leitura do aprendiz na escola, esteja sempre à disposição para que eles possam, assim, usufruir desse espaço diariamente, para ler e ouvir histórias, manusear e levar livros que necessitam ou se interessam por empréstimo. Inclusive podendo participar de projetos oferecidos e desenvolvidos pelos bibliotecários, com objetivo de incentivo à leitura, participação em peças teatrais que são apresentadas dentro e fora da escola, inclusive com premiação.

Esse projeto inicial teve como sustentação vários outros projetos divididos em temas planejados a partir de questões discutidas em sala de aula e que os aprendizes encontravam interesse para conversar.

Conforme já foi dito, o projeto desenvolvido teve início com uma roda de conversa sobre cantigas de ninar e depois abrindo um leque para vários outros gêneros textuais. Alguns aprendizes trouxeram CDs com as músicas de sua preferência. Ouvimos, cantamos, passei a música *Acalanto* no quadro para que eles observassem as várias formas da escrita, de músicas e poemas, algumas delas, xerografei para que ouvissem acompanhando a letra, para posteriormente compreender e ler o texto com mais fluência, entonação e ritmo. No decorrer do projeto os gêneros textuais foram se diversificando e várias outras leituras foram tomando forma e os aprendizes começaram a interessar por outros tipos de leitura.

Procurei permitir-lhes a reflexão sobre a importância de ouvir letras de músicas, poemas, diferentes textos, leitura de revistas, jornais, legendas, anúncios e outros gêneros que lhes chamassem a atenção para uma leitura fluente e prazerosa.

Este projeto teve como objetivo incentivar e estimular os aprendizes na aquisição da leitura, através da produção, interpretação, estudo do vocabulário, reconhecimento de fatos, personagens, localização temporal e espacial, pontuação, comparação de informações e reflexão sobre o que foi lido. Todos esses objetivos são indispensáveis para construção e efetivação de práticas de leitura necessárias para o processo de alfabetização e letramento.

Durante o projeto *Práticas Significativas de Leitura*, pude observar a evolução dos níveis de leitura dos aprendizes de 2º ano de 1º ciclo através dos projetos:

- a)- Projeto Viver;
 - b)- Projeto as Borboletas;
 - c)- Projeto Diversidade
 - d)-Projeto sobre músicas, quadrinhas, parlendas e outros tipos de textos com rima, inclusive alguns dos quais de domínio público;
 - e)- Outros projetos foram desenvolvidos, e se encontram em anexo.
- Apresenta-se, a seguir, um pequeno resumo desses projetos.

1º Projeto

Projeto Viver

Tempo previsto: Quatro semanas

Produto final: Incentivar e melhorar através das canções, do ritmo e rima o desempenho na aprendizagem da leitura. Exposição de trabalhos e apresentação da canção para os demais aprendizes e professores/as no pátio da escola.

Para iniciar o projeto houve a exploração sobre os conhecimentos prévios dos aprendizes sobre a música: O que representava para eles a palavra Acalanto? O que seria canção de ninar? Qual a mãe ou pai que já havia cantado ou contado histórias para eles dormirem? Após esse questionamento, apresentei a música em papel xerografado e expliquei sobre o compositor e o intérprete da canção comentando que nem sempre a pessoa que compõe a música a interpreta, isto por que temos habilidades diferentes e devemos respeitar as diferenças de cada um.

Após esse primeiro contato com a letra da música, escrevi no quadro de giz e a li em voz alta. Refletimos sobre a letra e os aprendizes acompanharam a leitura também em voz alta coletivamente por várias vezes. Em um terceiro momento os aprendizes leram silenciosamente. Finalmente, após todos já conseguirem gravar a letra, apresentei a música primeiramente cantando. Um dos aprendizes ficou extremamente emocionado e confessou que a família nunca havia cantado e nem contado histórias para fazê-lo dormir. Então, montamos um coral com a turma e todos ensaiaram durante alguns dias para a apresentação no pátio da escola, para a comunidade escolar.

Apresentação da letra da música

ACALANTO

Composição de Dorival Caymmi
Intérprete Roberto Carlos

*É tão tarde, a manhã já vem
Todos dormem, a noite também
Só eu velo por você, meu bem
Dorme anjo, o boi pega neném
Lá no céu deixam de cantar*

*Os anjinhos foram se deitar
Mamãezinha precisa descansar
Dorme anjo, papai vai lhe ninar*

*Dorme, dorme (Bis)
Bebê do coração
Foi pra você
Que eu fiz esta canção*

Com o conhecimento já consolidado da letra e música continuamos nosso projeto trabalhando a pauta sonora, o vocabulário, a ortografia com a escrita da letra da música, a silabação, a tonicidade através do ritmo e foram elaborados vários cartazes com colagem de crianças dormindo para produção de texto. Foram feitas produções individuais e coletivas para a montagem do mural da sala de aula.

Ao avaliar a aprendizagem dos estudantes, observei o quanto esse projeto foi importante para a socialização e a afetividade entre os aprendizes e suas famílias. Alguns puderam conversar com os pais e resolver algumas de suas angústias, melhorando visivelmente a interação entre a escola, o estudante, e a família. É sobre essa interação que podemos confirmar a fala de Vygotsky:

Para Vygotsky (1989, p 68) o desenvolvimento da criança está baseado na aprendizagem que envolve sempre a interferência dos outros. Dessa forma, o aprendiz leitor deve reviver o contato e a interação dos outros, como forma de socializar e, a partir disso, reconstruir internamente o que vê e ouve.

2º - Projeto

Exílio

Pensando em incentivar e intensificar a socialização dos estudantes, foi desenvolvido os projetos sobre as músicas, quadrinhas, parlendas e trava-línguas.

Este projeto teve duração de oito semanas.

Iniciei as atividades dando ênfase à apresentação das letras de músicas de domínio público como *Peixe vivo*, *O cravo e a rosa*, *A barata*, *Fonte do Itororó*, *Carneirinho*, *Carneirão*, *Samba Lelê*, *Sabiá na gaiola*. Trabalhei também com os poemas: *As borboletas*, *a foca*, *a porta* de Vinícius de Moraes e *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias.

Escolhi para trabalhar com os estudantes esses textos por acreditar que a leitura com rima e ritmo na repetição dos versos ajuda o leitor iniciante na aprendizagem mais rápida da leitura fluente.

Como Início do trabalho, conversei sobre os conhecimentos prévios dos aprendizes, sobre os textos. Pesquisas sobre o que são textos de domínio público. O que são parlendas, quadrinhas, trava-língua. Cada texto foi trabalhado individualmente, de acordo com a aprendizagem dos educandos que a cada música, poema quadrinha, trava-língua apresentado, ficavam ansiosos para aprenderem outro. Cantar para eles foi algo de extrema satisfação.

Após exploração de todos esses conhecimentos, preparei a turma para a leitura do texto, título, verso, estrofe. Apresentei o texto em cartaz afixado no quadro, fiz a leitura, pedi que um aluno fosse até o cartaz e fizesse a leitura apontando as palavras, repetindo a ação com outros estudantes. Após estas leituras individuais foi feita a leitura coletiva; discutimos sobre o texto, fizemos a interpretação oral e escrita. Distribuí os textos em folha xerografada para os aprendizes acompanharem a música, desta vez cantando; expliquei que a leitura em voz alta para música é imprescindível, porque é necessário a entonação e o ritmo e também para que sejam ouvidos; caso façam a leitura silenciosa não tem por que escolher esse tipo de texto.

Os aprendizes ainda tiveram oportunidade para fazerem desenhos livres sobre os temas, confeccionarem dobraduras para ornamentação da sala de aula.

Dentre as músicas trabalhadas, *Sabiá na gaiola* foi uma que teve muita repercussão devido à extinção dos animais e à venda pirata das aves que acabam morrendo por maus tratos.

Apresentação da música
Sábia na gaiola (cancioneiro popular)

*Sabiá lá na gaiola,
fez um buraquinho
Voou... Voou... Voou... Voou...*

*A menina que gostava
Tanto do bichinho
Chorou... Chorou... Chorou... Chorou...*

*Sabiá fugiu do terreiro,
Foi parar lá no abacateiro
A menina fica a chorar
Vem cá sabiá, vem cá*

*Sabiá responde de lá
Não chores que eu vou voltar.*

Com o estudo da letra da música e todas as dúvidas já sanadas, trabalhei com a interpretação do texto, o vocabulário e o reconto dos versos da música através de desenhos.

Após o trabalho com a música *Sabiá na gaiola*, apresentei aos aprendizes outra canção que fala da natureza e também da prisão, mas com conotação diferente, já não fala dos pássaros, e sim de quem está aprisionado num lugar distante e sente falta de sua Pátria.

Canção do Exílio
Gonçalves Dias

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

Trabalhei nesta canção, a riqueza do vocabulário, expliquei aos estudantes a diferença da língua falada na canção, devido ao Português de uma outra época, trabalhei sobre a fauna e a flora brasileira, a beleza das noites quando o céu está estrelado. Informei aos aprendizes sobre o Brasil Colônia, a época que esta canção foi escrita (1842) em relação aos dias de hoje, os povos da época, usos e costumes. Enfim, pude enriquecer o conhecimento dos aprendizes sobre um determinado período da história da nossa Pátria. Ainda, continuando o trabalho com a canção, pedi aos estudantes que pesquisassem com os familiares sobre o que sabiam a respeito do assunto, mas não obtive bons resultados, poucos tinham conhecimento sobre o que foi solicitado.

Encerrei o projeto com a escrita de frases e cartazes sobre os versos ou estrofes que eles entenderam e mais gostaram. (Atividades no caderno)

3º - Projeto

As Borboletas

Duração: Quatro semanas

Trabalhei o projeto *As Borboletas* aproveitando o início da primavera para conscientizar os aprendizes sobre a extinção dos animais, em especial, as borboletas.

A música apresentada foi do intérprete Benito di Paula, que semelhante à música de Roberto Carlos, *Acalanto*, também foi uma cantiga de ninar que Benito di Paula cantava para fazer seu filho dormir.

Trabalhei a música estrofe por estrofe, para que os aprendizes tomassem consciência dos problemas que os homens causam à natureza, matando os animais e destruindo as matas e rios.

1ª estrofe

Eu sou como a borboleta

Tudo o que eu penso é liberdade

Não quero ser maltratado,

Nem exportado desse meu chão.

Perguntei aos estudantes o que entenderam dos versos, como não conheciam todo o vocabulário, houve muitas dúvidas. Então expliquei que as borboletas iguais aos demais só querem a liberdade, não querem sofrer, não querem sair do lugar onde vivem.

2ª estrofe

Minhas asas, minhas armas,

não servem para me defender

As cores da natureza pedem

ajuda pra eu sobreviver

Nesta estrofe expliquei aos aprendizes que todos nós temos defesas, e para as borboletas as asas servem para se defender, mas o homem, com suas redes,

conseguem capturá-las , matá-las empalhá-las e vendê-las. Elas tentam se camuflar de acordo com a natureza, mas mesmo assim são encontradas e exterminadas.

3ª estrofe

Você que me vê voando

Como a paz de uma criança

Você sabe a minha idade

Eu sou sua esperança

Nesta estrofe trabalhei o tempo de vida das borboletas. Algumas espécies não vivem mais de vinte e quatro horas, a espécie que possui maior longevidade chega ao máximo a seis meses de vida, por isso compara-se a pouca vida vivida pelas crianças, a paz e esperança que elas transmitem.

4ª estrofe

ordem da humanidade

não deve ser destruída

quando eu voar me proteja

sou parte da sua vida

Eu sou como a borboleta...

Esta estrofe se refere aos predadores que, ao matar algumas espécies, causam o desequilíbrio da natureza, provocando a extinção de outras espécies. Diz respeito à necessidade de proteção de todas as espécies para que o homem também não sofra as conseqüências que ele próprio provoca, pois somos tão frágeis quanto as borboletas.

Antes do trabalho com a letra da música, informei aos estudantes segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da União Internacional da Natureza (IUCN) Siglas em inglês elaborada com a colaboração da Comissão Européia, que um terço das 435 espécies das borboletas européias diminuiu a sua população e nove por cento destas encontra-se em perigo de extinção. Durante as aulas pude trabalhar com os estudantes sobre a importância de todo e qualquer ser vivo, cada um desempenhando

seu papel de equilíbrio na natureza e que as borboletas, como as abelhas e outros insetos, polinizam lavouras, campos e florestas.

A seguir trabalhei a letra da música através de leitura coletiva e individual, reforçando elementos do vocabulário. Os aprendizes fizeram produções sobre a extinção das borboletas com desenhos e fichas. Após todos já possuírem conhecimento sobre a letra e a música foi feita apresentação para as outras turmas no pátio da escola. Com minha intervenção, os estudantes reescreveram a música em forma de fichas explicativas apresentando aos colegas das outras turmas.



Este projeto foi encerrado com visita ao zoológico, observação e estudo sobre os principais animais em extinção, incluindo as borboletas.

Neste projeto também trabalhei o poema de Vinicius, *As borboletas*, e um bilhete que se encontra em anexo.

Foto da excursão ao Borboletário do Zoológico de Belo Horizonte com a turma de 2º ano de 1º ciclo.





4º - Projeto

Diversidade

Tempo previsto: quatro Semanas.

Este projeto foi desenvolvido trabalhando sobre a semana da consciência negra. Vários temas foram discutidos e desenvolvidos em sala de aula, mas dentro do tema música, escolhi a música de Milton Nascimento *Maria, Maria*. Esta música retrata fielmente a participação, o trabalho e a vida penosa que os povos afro-brasileiros em especial as mulheres viviam na época.

Para iniciar o projeto, apresentei a letra da música xerografada. Fiz a leitura em voz alta, depois fizemos a leitura coletiva.

Maria, Maria

Milton Nascimento

Uma força que nos alerta

Uma mulher que merece

Viver e amar

Como outra qualquer

Do planeta...

Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas agüenta...

Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria...

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida...

Atividades

Conversei com os estudantes sobre a diversidade e a miscigenação na formação cultural e social do povo brasileiro. Fomos à Biblioteca pesquisar sobre essa diversidade que compõe o Brasil. Ao retornarmos a sala de aula, houve algumas dúvidas sobre a letra da música Maria, Maria então a reli em voz alta, relemos coletivamente, pedi a alguns alunos para lerem em voz alta individualmente as estrofes da música, depois pedi que fizessem a leitura silenciosamente. Apresentei outras leituras demonstrando as mesmas características da diversidade e miscigenação. A partir destes textos vários questionamentos foram surgindo a respeito da vida dos negros e dos índios na colonização do Brasil. De volta à biblioteca, buscamos outros textos de suporte para estes questionamentos em enciclopédias. Os estudantes observaram no mapa a trajetória feita pelos escravos, conheceram através da história

as dificuldades, o sofrimento, as angústias da separação dos familiares e da Pátria que ficara para trás.

Mas puderam também fazer um paralelo entre a época da colonização e os dias de hoje, as grandes conquistas, os heróis da história passada e presente que fizeram e ainda fazem a diferença no mundo. Alguns deles foram listados: Zumbi dos Palmares, Nelson Mandela, Martin Luther King, João Cândido, André Rebouças, Mãe Menininha, Pixinguinha, Bob Marley, Aleijadinho, Camila Pitanga, Gilberto Gil, Netinho, Benedita da Silva, Robinho, Zezé Mota, Carlinhos Brown, Milton Santos, Milton Nascimento, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), Barak Obama. Após estas informações, elaborei com os estudantes um jogral com a letra da música *Maria, Maria* de Milton Nascimento, para ser apresentado no pátio da escola para os colegas, professores/as e funcionários.

Em sala de aula foram confeccionados cartazes sobre o tema trabalhado, estudo do vocabulário, discussão sobre as cores do povo brasileiro e sua aceitação.

Trabalhei com os estudantes sobre o artigo 215 da Constituição Federal de 1998 que assegura que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais populares, indígenas e afro-brasileiras, e de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Artigo que saiu publicado no jornal Estado de São Paulo C.R.E. Centro de Referência em Educação. Portal do Governo “Mário Covas”. Artigo que dá suporte ao aprendiz. Interessada em saber se os aprendizes assimilaram o conteúdo trabalhado, apresentei outros modelos de textos, diferentes dos que estávamos estudando. Com o intuito de ampliar e diversificar o conhecimento dos alunos li o texto *Diversidade, retirado de um livro Literário infantil da biblioteca da escola. Após a leitura discutimos sobre as diferenças dos povos. Não só as diferenças raciais, mas também sociais, étnicas e características físicas. Vários questionamentos surgiram. Foram feitas algumas comparações com as cores da pele de cada um, falamos sobre o senso, sua utilidade e necessidade social para o crescimento e desenvolvimento do país. Depois de todos os esclarecimentos trabalhei o vocabulário fazendo as intervenções necessárias e pedi que os estudantes elaborassem um texto escrevendo do jeito que entenderam sobre as diferenças. A partir daí cada estudante elaborou sua escrita. Li e analisei cada texto observando os avanços que cada aprendiz alcançou durante o*

trabalho. Dentre estes textos, escolhi os três que julguei ter alcançado melhor compreensão do que foi proposto.

10/10/2010
 Diversidade
 Para mim, ninguém é igual.
 Todo mundo é diferente.
 Superhamos nesse ponto não é das
 outras pessoas, por isto somos
 laidores, assumamos nossas
 labeles, localhamos nossas roupas e também
 os cabelos, nomes assim como pretos, morenos
 brancos, rapidos, molongos, reiros, beincalhos
 tem calidos, campos, anelidos e lino.



Nome: Anna Carolina
 Professora: Berônica
 Data: 30/10/10

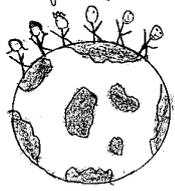


As diferenças
 Ninguém é igual ao outro.
 Uns são pios outros bonitos.
 Uns são mais magros outros mais
 gordos.
 Uns são meninas outros meninas.
 Alguns são mais velhos outros são
 mais jovens.
 Uns são grandes outros são
 pequenos.
 Alguns são de cabelo crespo outros ondulados.
 Cada um tem uma característica diferente.
 Então ninguém é igual ao outro.

Nome: Larissa Jardim dos Santos
 Professora: Berônica
 Data: 10/10/10

As diferenças

Existem no mundo várias diferenças
 existem pessoas preguiçosas ou trabalhadoras.
 existe pessoas negras ou brancas e etc.
 existe pessoas caladas ou faladeiras.
 existe pessoas com olhos claros outros escuros.
 existe pessoas magras ou gordas.
 existe pessoas grandes ou pequenas.
 existe pessoas pios ou bonitas.
 existe pessoas laquenciosas ou quietas.
 existe de todas essas diferenças.



Ao encerrarmos o projeto, surgiu a idéia de convidarmos a escritora de livros que contam histórias das culturas afro brasileiras, Patrícia Santana, para uma entrevista, visto que estávamos trabalhando a diversidade cultural na escola. Conscientização e importância do negro na sociedade, cultura e costumes na formação do povo brasileiro. Os estudantes escreveram convites para a escritora que, gentilmente, visitou nossa sala de aula, conversando com os estudantes, sobre as necessidades e importância da aprendizagem e o gosto pela leitura feita não só por necessidade, mas também o ler e escrever pelo prazer.

Entrevista elaborada pelos alunos da turma do 2º ano de 1º ciclo Professora: Verônica.

Entrevistada: Patrícia Santana – Escritora de livros literários infantis voltados para a cultura negra.

Entrevista elaborada pelos alunos da turma 12 B, Professora: Verônica.

Entrevistada: Patrícia Santana – Escritora de livros literários infantis.

Aluna – Anna Carolina – 7 anos.

1)- Patrícia: Como você se tornou escritora?

Desde os 13 anos que escrevo diários, isso me ajudou a ter gosto pela escrita. Meu 1º livro foi escrito pladuto. A literatura é rica e recente. Resolvi escrever sobre o que observo no mundo infantil: seus dilemas, inquietações e gosto pela vida.

2)- Quando você começou a se interessar por livros.

Desde pequena, mas o interesse cresceu quando fiz a 6ª série. Tinha uma professora de Português que me fez ficar fascinada por literatura. Naquela época eu: Meninos de Rua, Paulo, Garoto Secreto, Depois, o silêncio e outros.

Aluno – Davi 7 anos, Kayo 7 anos, Yasmim 7 anos, Lara 7 anos

1)- Patrícia, quantos livros você já escreveu?

Publicados são três. Existem outros aguardando publicações.

2)- Porque os livros são tão interessantes para você?

A partir do universo da literatura podemos conhecer o mundo, a vida as pessoas de forma mágica, as vezes, mas também com inquietações e reflexões profundas.

Aluno – Pedro Lucas 7 anos, Pedro Henrique 7 anos, Wenderson 7 anos, Carlos 7 anos, Vivian Carolina 7 anos, Endy 7 anos,

1)- Você gosta de escrever livros?

Sim. Para que não tenha muito tempo para me dedicar.

Aluna - Ana Karen 7 anos.

1)- O que você gosta mais, de dar aula na escola ou escrever livros?

No momento não estou dando aulas. Mas gosto muito dos dois.

Aluna - Daniela 7 anos

1)- Como é ser uma escritora?

Sou uma pessoa comum. Tenho uma rotina de muitas tarefas e atividades. Não tenho muito tempo para escrever.

Aluno: Lucas 7 anos, Vitória 7 anos, Endy 7 anos,

1)- Qual o nome do último livro que você escreveu?

Minha Mãe é Negra Sim!

Patrícia Messias Santana
30/09/10

2)- Como você começou a escrevê-los?

Os livros para crianças foram escritos a partir de histórias de crianças reais.

Aluno: Ronan 7 anos, Larissa 7 anos

1)- Quais os nomes dos livros que você já escreveu?

- Professoras Negras, Trajetórias e Travessias;
- Entre-meio sem Babado.
- Minha Mãe é Negra Sim!

2)- Qual deles você mais gostou de escrever?

Gostei muito de escrever os três. Cada um traz uma história diferente mas que se completam.

Aluna - Daniela 8 anos, Lucas 7 anos, Vitória 7 anos, Carlos 7 anos,

1)- Patrícia, como é ser escritora?

Não me sinto uma ESCRITORA!!! Sou professora, mãe, dirijo uma escola e ... escrevo

2)- Qual foi o seu primeiro livro?

Professoras Negras, trajetórias e Travessias.

Aluna - Stephane

1)- Quando você começou a se interessar por livros infantis, ainda era criança? Ou já era adulta?

Sempre gostei. Quando meus filhos começaram a interessei crescer. Sempre li e contei muitas histórias para eles.

Após a entrevista, discutimos sobre o processo que foi utilizado para fazermos esse trabalho. Fiz as intervenções, discutimos as dúvidas. Li em voz alta a entrevista e votamos uma maneira de agradecer a escritora pela gentileza.

Pensamos em e-mail, cartas ou telefonemas. Mas como nem todos os alunos/as tem acesso a internet ou telefone optamos pelas cartinhas escritas manualmente, assim todos puderam escrever do seu jeito. As cartas foram enviadas pelo correio e logo que a escritora as recebeu, enviou um bilhetezinho carinhoso para a classe.

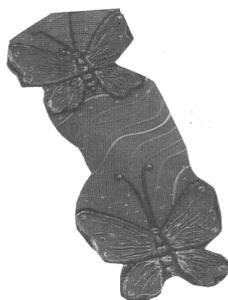
Belo Horizonte, 08 de Novembro de 2010.

Queridas alunas/as de
Profa Verônica,

Fiquei muito feliz com as carti-
nhas que vocês escreveram.

Desejo que façam muitas
leituras.

Um beijo



Patrícia Santana
08/11/10

O projeto desenvolvido ao decorrer do ano de 2010 com a turma de 2º ano, foi de grande estímulo e incentivo para os estudantes, contribuindo significativamente no processo da leitura, escrita, socialização dos aprendizes com seus pares, maior interação escola, família professores/as.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e o aprendizado da leitura são atividades essencialmente significativas e dirigidas por objetivos. Ler é uma questão de dar sentido a partir da linguagem escrita.

Ler é entender, é compreender, é produzir sentido. O aluno de hoje está exposto a uma multiplicidade de materiais escritos e é preciso saber ler essa quantidade que está impressa e que os nossos olhos veem todos os dias.

É fácil entender que o sistema de educação brasileira durante anos vem passando por modificações nas quais o estímulo à leitura não está colocado como uma das prioridades, porque o que vemos hoje é a mecanização da leitura, em que o aprendiz apenas lê o necessário para atendê-lo por um determinado momento. Dessa forma, não será possível que os estudantes sejam capazes de fazer uma leitura crítica, pois lhes falta exatamente o estímulo necessário para essa prática, seja no meio familiar ou pela própria escola.

A leitura, na nossa sociedade, é uma condição para dar vez ao cidadão, e mais, é preciso prepará-lo para tornar-se sujeito no ato de ler, e como preconiza Paulo Freire: “O livro deve levar a uma leitura/interpretação da vida que ajuda o indivíduo na transformação de si mesmo e do mundo”. (FREIRE, 1987, p.85).

O aprendizado da leitura envolve um aspecto importante na formação das pessoas e que, muitas vezes, é subestimado durante o processo de ensino escolar. Se, por exemplo, queremos avaliar se o aluno conhece as regras ortográficas da língua, a leitura em voz alta é um bom instrumento para essa avaliação, considerando que o aprendiz, para fazer isso, deverá conhecer as correspondências entre grafia e som. Para a leitura em voz alta ser fluente, o educando necessita de progressivamente fazer previsões, e utilizar seus conhecimentos prévios com maior intensidade. A leitura em voz alta é muito importante nos casos de poemas, músicas e poesias. Este modelo de leitura só é possível se for em voz alta porque ao lermos em voz alta, estamos atuando como leitores imprimindo a voz ao gesto, criando outras possibilidades da leitura divertida. O leitor também é ouvinte ao dar significado e criar condições de inventar uma leitura com variações de tons, vozes graves, agudas, altas, baixas, roucas. Dessa forma é possível avaliar a fluência da leitura. Mas, por outro lado, se o/a professor/a estiver interessado/a em avaliar o aprendiz com a leitura em voz alta em outros tipos de texto a tarefa é complexa, pois ao mesmo tempo em que o aprendiz está preocupado em pronunciar corretamente cada palavra, tem que se preocupar com o significado a fim de formar unidades de significação. O que ocorre, em geral, é que numa situação de leitura em voz alta, a preocupação primordial é com a decodificação,

uma vez que, naquele momento, está sendo avaliado neste aspecto pelo professor e pelos colegas. Como consequência, o significado fica em segundo plano. Isso significa dizer que nem todos os textos trabalhados devem priorizar uma exploração com atividades de leitura oralizada, em voz alta.

Muitos dos estudantes leem, mas raramente o fazem por prazer. Eles valorizam a leitura mais por sua apresentação de informações, não para o crescimento pessoal, preferindo fazer outra coisa que lhes seja oferecido, como por exemplo, um programa de televisão ou jogos no computador. Ou seja, na atualidade o cidadão é levado à evasão da leitura pelos meios de comunicação de massa e pela sociedade de consumo. Dessa forma, o que vemos hoje são pessoas que não conseguem concernir idéias e atitudes coerentes com o que estão engajadas, pois são objetos de consumo, indivíduos muitas vezes alienados, incapazes de desenvolver uma concepção crítica da realidade, pois estes, quando permitem serem manipulados, perdem automaticamente sua identidade própria, deixando-se levar pela mídia que busca produzir consumidores para os seus produtos. Os meios de comunicação de massa, tendo a televisão como instrumento mais acessível à maioria da nossa população, acabam por contribuir para a acomodação do ato de ler.

Por isso, é imprescindível o leitor encontrar sentido no foco da leitura, efetuar o esforço cognitivo que a pressupõe e, para isso, precisa conhecer o que vai ler e para que o fará. Também deve dispor de recursos – conhecimento prévio relevante, confiança nas próprias possibilidades, disponibilidade de ajuda necessária, que permitam abordar a tarefa com garantias de êxito. Nessa tarefa exige-se também que o leitor se sinta motivado e que seu interesse seja mantido ao longo da leitura.

Ao longo do ano, os projetos desenvolvidos tiveram resultados positivos quanto ao número total de alunos da turma. Alguns alunos iniciaram os projetos sem conhecimento de leitura ou escandindo excessivamente, não faziam inferências, não localizavam informações, não interpretavam. Poucos inferiam sentido ao texto, identificavam gêneros, interpretavam pequenos textos. Com a realização dos projetos de leitura, noventa e cinco por cento dos aprendizes tiveram avanços, melhorando significativamente o processo da leitura. Atualmente estão com leitura fluente, conseguem inferir informações explícitas em texto verbal, reconhecem o assunto, identificam gêneros. Os cinco por cento obtiveram avanços, mas não os resultados esperados quanto à leitura, mas conseguiram grandes avanços na auto-estima e socialização. Durante todo o trabalho com os aprendizes, todas as habilidades

referentes às práticas significativas de leitura foram consolidadas. Diante dessa afirmativa, os resultados obtidos são positivos e os objetivos propostos foram alcançados. Objetivos estes que levaram os aprendizes a ler, interpretar, inferir, interagir, comunicar e processar suas ideias com o texto. As avaliações aconteceram ao decorrer das aulas, através de leituras diversificadas coletivas, individuais, interpretações textuais, dramatizações, músicas, leitura de poemas, jogos, brincadeiras, troca de livrinhos literários, troca de saberes e socialização. Todos os aprendizes avaliados obtiveram excelentes resultados, melhorando significativamente a aprendizagem ao decorrer dos projetos.

6 BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor; volume 16)

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FOUCAMBERT, Jean. *A Leitura em questão*. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed.. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos, 74)

MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PAUSAS, Ascen Diez de Ulzurum. *A aprendizagem da leitura e da escrita a partir de uma perspectiva construtivista*. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre. Artmed, 2004.

MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais PCN'S* (1998 págs.36, 54, 57, 58, 141 e 149)

PIRES, Diléa Alfabetização. *A caminho do Letramento* (2007 págs 134 e 135)

SOARES, Magda Becker. *Letramento: Um tema em três gêneros*. 2ª ed. Belo Horizonte Autêntica, 2003.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*.6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

7 ANEXOS

Atividades desenvolvidas durante os meses de:

Março

- Debate, discussão e exploração das ideias sobre o projeto.
- Pesquisa e conhecimento das quadrinhas, cantigas, parlendas, músicas e poemas junto aos familiares.
- Seleção do material pesquisado para ser trabalhado.

Abril

- Apresentação de trabalhos
- Trabalho com cantigas e músicas do domínio público.

Escravos de Jô
O cravo e a Rosa
Peixe Vivo
A Barata
Se essa rua fosse minha
Fonte do Itororó
Ciranda, Cirandinha
Samba Lelê
Brincadeiras de rodas sugeridas pelos aprendizes.

Maio

- Recitação de quadrinhas
 - Apresentação no pátio
- O sapo
Mamãezinha
O lencinho
Sou pequena
Batatinha quando nasce
Papagaio Louro
Em cima do Piano
Carneirinho, carneirão

Junho/Julho

- Músicas Juninas

Vai abóbora, vai melão

Cai, Cai balão

O casamento

Sanfoneiro

Trava-línguas:

O peito do pé do Pedro

Doce de batata doce

Os tigres

O ninho de mafagafos.

A roupa do rei

- Receitas

Arroz doce

Canjica

Agosto

- Adivinhas, Brinquedos

- Jogos e brincadeiras:

Pular corda

Amarelinha

Passar anel

Pique esconde

Batata- quente

Chicotinho queimado

Marcha Soldado

Cinco Marias

Setembro

- Declamação de poemas.
As Borboletas –
Vinícius de Moraes.
- Proteção das Borboletas-
Música de Benito di Paula
- Canção do Exílio Música
Gonçalves Dias
- O pato, a porta e a foca -
Vinicius de Moraes.

Outubro

- História dos brinquedos
- Leitura
- Brincadeiras esquecidas. Quarto
de guardados L.D- pág 98
- Brinquedos e brincadeiras. Leituras
na sala de aula.
- Aulas lúdicas no pátio
- Meninos de todas as cores –
Consciência Negra Música de
Luiza Ducla Soares
- Entrevista com a escritora, Patrícia
Santana
- Carta de agradecimento dos
aprendizes para Patrícia Santana
Bilhete de incentivo de Patrícia para
os aprendizes.

Os textos abaixo fizeram parte dos projetos, auxiliando-os como atividades suplementares de fixação da leitura.

Estudo do poema de Vinicius de Moraes, As borboletas, a Porta, a Foca.

Fixação dos textos

A Porta

Vinicius de Moraes/Composição: Vinicius de Moraes / Toquinho

*Eu sou feita de madeira
Madeira, matéria morta
Mas não há coisa no mundo
Mais viva do que uma porta.
Eu abro devagarinho
Pra passar o menininho
Eu abro bem com cuidado
Pra passar o namorado
Eu abro bem prazenteira
Pra passar a cozinheira
Eu abro de supetão
Pra passar o capitão.
Só não abro pra essa gente
Que diz (a mim bem me importa...)
Que se uma pessoa é burra
É burra como uma porta.
Eu sou muito inteligente!
Eu fecho a frente da casa
Fecho a frente do quartel
Fecho tudo nesse mundo
Só vivo aberta no céu!*

A Foca

Vinicius de Moraes/Composição: Vinicius de Moraes / Toquinho

Quer ver a foca

Ficar feliz?

É pôr uma bola

No seu nariz

Quer ver a foca

Bater palminha?

É dar a ela

Uma sardinha

Quer ver a foca

Comprar uma briga?

É espetar ela

Bem na barriga

Lá vai a foca

Toda arrumada

Dançar no circo

Pra garotada

Lá vai a foca

Subindo a escada

Depois descendo

Desengonçada

Quanto trabalha

A coitadinha

Pra garantir

Sua sardinha

As Borboletas

Branças

Azuis

Amarelas

E pretas

Brincam

Na luz

As belas
Borboletas
Borboletas brancas
São alegres e francas.
Borboletas azuis
Gostam muito de luz.
As amarelinhas
São tão bonitinhas!
E as pretas, então...
Oh, que escuridão!

Trabalhei estes poemas, para os aprendizes se aperfeiçoarem na leitura em voz alta, na entonação, no ritmo, nos gestos, na consulta ao dicionário, gramática e ortografia.

Para enriquecimento de outros aspectos da leitura, trabalhei textos, do livro didático, xerografados como: bilhetes para os colegas e para os pais, trava-línguas, receitas, quadrinhas, músicas de festas juninas, brincadeiras, jogos e brinquedos.

As parlendas e as quadrinhas foram trabalhadas com o intuito de fazer a marcação da sílaba, auxiliando o aprendiz com maior dificuldade. Exemplo: No al – to da-que-le mor-ro pas-sa boi pas-sa boi-a-da tam-bém pas-sa a mo-re-na de ca-be-lo ca-che-a-do.

No ni-nho de ma-fa-ga-fos tem cin-co ma-fa-ga-fi-nhos quan-do a ma-fa-ga-fa guin-fa, guin-fa os cin-co ma-fa-ga-fi-nhos.

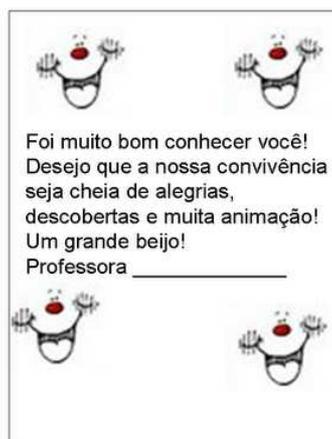
Outros textos trabalhados.

Bilhetes

Para que serve o bilhete? Qual é a sua função na sociedade?

No bilhete temos que escrever um texto longo ou podemos escrever um texto curto?

No bilhete é necessário colocar o remetente (pessoa que envia) e o destinatário (pessoa que recebe) ou não é necessário? E a data? Devo colocar? Será que se eu escrever desta forma um bilhete e pedir para alguém que me conhece, mas não sabe meu nome, não conhece a minha mãe, irá conseguir entregar o bilhete?



Xerografei alguns modelos para servir de suporte aos aprendizes. Apontando falhas e mostrando possíveis correções.

É muito importante que no bilhete, venham as informações necessárias para não haver dúvidas.

Quanto aos demais conteúdos, alguns foram trabalhados no pátio da escola, com a minha intervenção, confeccionando dobraduras, brincadeiras de roda, pique-esconde, batata-quente, cinco marias e outros similares. Expliquei para os aprendizes as regras do jogo cinco marias (como descrito abaixo), fazendo uma tênue analogia entre as regras a seguir no dia-a-dia, aproximando ao máximo do cotidiano na vida de cada um deles.

Como é o jogo

O jogo tem diferentes fases e regras, com graus de dificuldade maiores ou menores, que variam de acordo com a região do país.

A idéia principal é jogar um saquinho para cima, pegar um dos que estão no chão e pegar novamente o que está no ar sem deixá-lo cair. Importante: você não pode encostar nas outras peças enquanto faz isso.

Regras gerais

Joga uma pessoa por vez. Se errar, perde a vez para o próximo. Quando o outro errar ou chegar ao fim do jogo, o primeiro volta a jogar de onde parou.

Para decidir quem começa, os jogadores tiram a sorte.

O jogo cinco-marias pode ser jogado de várias formas.